

Livros e arte que falam por si: a formação da Biblioteca de Mario Zanini

Lauci Bortoluci Quintana (MAC USP) - guila@usp.br

Resumo:

Esta comunicação trata sobre a biblioteca de arte de Mario Zanini, doada ao MAC USP em 1971. Seu intento é mostrar que a formação dessa biblioteca do artista é indicadora da própria pesquisa que o artista realizava com sua pintura e sua arte, entre os anos 1930 e 1970. A hipótese propõe que a biblioteca estava diretamente correlacionada com a obra produzida, com um recorte de influências advindas de seus livros. Percebemos, pelos livros e pela atuação do artista, que a biblioteca se coloca como um motor que o leva a pensar, e que nos mostra que sua produção artística apresenta valores diferentes daquela produção anteriormente realizada pelos artistas modernistas dos anos 1920. Assim, essa biblioteca possibilita um caminho que expressa uma nova poética no cenário de uma urbanização que se processava no ambiente paisagístico da cidade. No contexto do CBBB 2019, no tocante a questões como democracia e diminuição de desigualdade, as bibliotecas podem ser um locus informacional de extroversão dessas coleções, na promoção do patrimônio artístico-documental, que entendemos ser o passo primordial para a execução de políticas de ação-cultural e educacional que tratem sobre documentos de arte, sobre a história da arte e sobre a história da própria modernidade paulista, para que possam ser conhecidas e estejam ao alcance de qualquer leitor, de qualquer cidadão.

Palavras-chave: Bibliotecas de arte; Mario Zanini; MAC USP

Eixo temático: Eixo 9: 2º Fórum das Bibliotecas de Arte

INTRODUÇÃO

Esta comunicação é resultado de uma tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte (PGEHA-USP) e trata sobre a biblioteca de arte que pertencera ao pintor Mario Zanini (1907-1971). Essa biblioteca foi doada ao MAC USP, em conjunto com 108 obras do pintor, pela Família Zanini, em 1971. Nosso viés traz à tona uma biblioteca de arte formada por um pintor, pertencente ao Grupo Santa Helena, nas décadas de 1930 e 1940, doada a um museu público universitário.

No contexto deste CBBB 2019, perguntamo-nos o que uma biblioteca de arte pode fazer pelo fortalecimento da democracia e da igualdade, tornando-se um espaço democrático de disseminação da informação artística, conforme já apontado por Klara Freire, compartilhando riquezas e tornando possível o acesso à informação em artes. Questionamos como uma coleção de livros, que pertencera a um artista, pode descrever novos entendimentos da própria arte brasileira, do processo modernista dos anos 1920 e 1930 e da formação da identidade nacional proposta por Mário de Andrade. Perguntamo-nos se essa biblioteca tem algo a nos dizer enquanto um processo de aprendizagem do próprio artista, um processo de apreensão de sua própria realidade e finalmente, um processo de percepção de seu entorno como consequência da modernização de S. Paulo dos anos 1950.

Essa investigação nos permitiu observar que os livros são indicadores da pesquisa que o artista realizava na compreensão e interpretação da paisagem, ou seja, de sua própria realidade, retratando a transformação e desenvolvimento da cidade de São Paulo. A tese propõe que a Biblioteca de Mario Zanini estava diretamente correlacionada com a obra produzida pelo artista. Elaboramos uma reflexão sobre a linguagem pictórica de Mario Zanini, com um recorte das influências advindas de livros de sua biblioteca. Em vista disso, sentimos a necessidade de designar uma interpretação de algumas obras artísticas de Zanini, à luz de três livros escolhidos para exemplificar a estrutura conceitual do pensamento estético do artista: um sobre Paul Cézanne, um sobre Vincent Van Gogh e um sobre a paisagem, de André Lhote.

Os critérios adotados para a escolha desses três livros foram os seguintes, baseados nos preceitos de Walter Zanini: a busca do sentido da apreensão visual (Cézanne); o trabalho desenvolvido por Zanini com as temáticas fluviais (Van Gogh); a investigação teórica sobre paisagem (Andre Lhote).

METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa procurou estabelecer uma reflexão sobre os livros que vieram a formar sua biblioteca. O ponto de partida da análise passou a ser o livro como propagador de ideias, que transforma a visão do mundo artístico do pintor na temática da paisagem. Estamos nos referindo ao tecer de uma cultura de visualidade, ou seja, à dimensão cultural do olhar, que é histórica e contextual.

A biblioteca será compreendida como memória que emana de um programa de vida, da construção de um panorama cultural, que teria sua repercussão na produção das obras artísticas de Mario Zanini.

Mario Zanini acompanhava os novos rumos da arte dos anos 1950, em termos práticos e teóricos. Do livro de André Lhote, sobre a teoria da paisagem, lembremos a parte destacada de um desenho geométrico esquematizado, que demonstra que o artista estava em consonância com seu momento histórico de atuação, sem praticar sacrifícios em sua própria maneira de ver e sentir seu mundo figurativo. Assim, mesmo em contato com teoremas abstratos, geométricos e cubistas, Zanini buscou retratar a emoção que o conectava a seu tema, trazendo aos seus observadores a capacidade de evidenciar a paisagem que gerou sua produção.

Entendemos que o fazer artístico de Zanini permite a reflexão sobre o princípio norteador do processo de construção da biblioteca.

A arte é um traço da nossa relação histórica com o mundo. De um modo sintético, uma obra de arte qualquer não é uma representação ou uma transposição, figurativa ou simbólica, de uma realidade. Segundo Fischer, a arte tem a capacidade de mostrar a realidade como passível de ser transformada e dominada. A obra e o artista não são exteriores ao mundo sensível e ao mundo social em que atuam. Da mesma forma que a arte, a biblioteca é uma construção historicamente situada.

DISCUSSÃO TEÓRICA

A Biblioteca de Mario Zanini vem corroborar seu trabalho artístico e sua atuação, tanto nos grupos dos quais fez parte, como em sua vida dedicada ao reconhecimento da profissão de artista, participando de sindicatos e associações. Seu legado não pode somente ser descrito nos títulos de suas obras, conjugadas aos livros de sua biblioteca. Observamos a biblioteca como um fenômeno situado entre a paisagem natural que é vista, e, a partir deste “ver”, ela se torna o motor

propulsor de um “pensar”, que proporciona a produção de uma linguagem artística com valores diversos daquela que havia sido anteriormente realizada. Zanini insere um novo valor à paisagem dos arredores da cidade de São Paulo, depura-a, e possibilita um percurso imagético, que nos mostra uma nova poética expressiva na pintura e o cenário de uma nova urbanização que se processava no ambiente paisagístico da cidade.

É fundamental afirmar que os livros foram exemplos da mentalidade moderna, criando uma nova relação entre a arte e a paisagem dos arredores da cidade. A autoexpressão de Zanini se construiu por meio da interpretação e da arte oriunda das pesquisas de Cézanne e de seu olhar que pensa a paisagem, e por Van Gogh, que produziu uma obra cuja temática não era algo exterior a sua vivência.

Foi nosso propósito superar qualquer pressuposto de uma biblioteca de arte formada pela arbitrariedade ou aleatoriedade. A Biblioteca de Mario Zanini trabalha as reflexões da arte moderna dos anos 1930 e 1940 e a supremacia do gênero da paisagem para esses pintores que agremiavam no Grupo Santa Helena. Temos o conceito de que a biblioteca é composta por títulos que indicam uma nova posição artística e autônoma, em relação à arte acadêmica do século XIX. Ela foi pensada e construída por Mario Zanini, um artista que tinha a percepção de recriar paisagens urbanas e suburbanas, assim como a vida cotidiana das populações que viviam na periferia da cidade grande. Seu mérito foi descortinar uma poética moderna da paisagem paulistana.

Mario Zanini foi um pintor humanista em seu tempo, que trabalhou pela construção da modernidade. Construiu uma fortuna plástica desprendida de interesses em bens materiais, vivendo de forma despojada, numa simplicidade natural. Sua coleção artística e sua importância enquanto paisagista foram notadas pela crítica, ainda em vida, como fontes de sensibilidade e qualidade.

Atualmente, com a história nos apontando, *a posteriori*, o esquecimento de alguns desses artistas, as pesquisas poderão paulatinamente resgatar e recontar essa história com novos olhares. As razões da escassez de pesquisas sobre bibliotecas de artistas, do Grupo Santa Helena e de suas exposições ainda merecem alguma elucidação, para que esta temática seja devidamente investigada e seus principais pontos de interrogação solucionados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da democracia e da busca da igualdade, da redução das diferenças entre todas as classes da sociedade encontra respaldo na disseminação de informações e de equipamentos culturais, segundo José Nascimento , na formação de sistemas de gestão participativa da cultura, colocados a favor de novas percepções sobre a realidade. Podemos afirmar que o processo informacional das bibliotecas, disseminando suas coleções, é o primeiro passo para dar visibilidade a seus tesouros escondidos.

O papel de uma instituição de informação em arte na promoção do patrimônio artístico-documental acarreta, para sua execução, o estabelecimento de políticas de ação cultural, dentre as quais a extroversão de coleções públicas de documentos sobre a história da arte, sobre a história da cidade, que existem para serem descobertos por todos, por qualquer leitor, por qualquer cidadão.

REFERÊNCIAS

- FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.; p. 252
- FREIRE, Klara Martha Wanderley; MARQUES, Luana Farias Sales. Informação em arte: conceitualizações e um olhar sobre a Agenda 2030. In: SEMINÁRIO DE INFORMAÇÃO EM ARTE, 6., 2019, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Instituto Cervantes, 2019. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/seminario-de-informacao-em-arte/trabalho/81112>. Acesso em: 16 abr.2019.
- JOURDAIN, Francis. *Cézanne*. Paris: Braun, 1948.
- LHOTE, André. *Tratado del paisaje*. Buenos Aires: Poseidon, 1943.
- MATHEY, François. *Van Gogh*. Paris: Hazan, 1956.
- NASCIMENTO JUNIOR, José do. Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento. *Musas: Revista Brasileira de Museologia*, Brasília, n. 4, p. 148-162, 2009.
- ZANINI, Walter. *Mario Zanini (1907-1971)*. São Paulo: MAC USP, 1976. Catálogo de exposição.